



Evento: XXXIV Seminário de Iniciação Científica

EDUCAÇÃO E SAÚDE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: CONTRIBUIÇÕES DO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

¹ **Giovana Bessi Da Silva Barcellos**

² **Sidinei Pithan da Silva**

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na Unijuí; com financiamento da agência CNPq.

² Estudante do curso Medicina, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - PIBIC/CNPq.

³ Professor orientador do projeto O Saber Fazer Docente em Educação no Contexto de Transição da Modernidade Sólida para a Modernidade Flexível.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada por profundas transformações sociais, culturais, econômicas, científicas e tecnológicas que modificaram significativamente a forma como os indivíduos vivem, se relacionam e produzem conhecimento. Essas mudanças estão associadas ao processo de transição da modernidade sólida para a modernidade líquida, conceito desenvolvido por Zygmunt Bauman (1998) para descrever uma realidade caracterizada pela instabilidade, pela rapidez das transformações e pelo enfraquecimento de estruturas antes consideradas permanentes. Essas transformações exigem uma nova forma de racionalidade, proporcionando uma interpretação mais ambivalente e complexa da realidade e do conhecimento, conforme sugerem Bauman (1998) e Edgar Morin (2003).

De acordo com Bauman (1998), a sociedade globalizada caracteriza-se pela intensa circulação de informações, pela crescente individualização e pela expansão do poder e do capital, tornando a relação entre educação, cultura, política e conhecimento cada vez mais importante para a formação humana e para a organização social. O intenso fluxo de informações, a incerteza da vida social e as transformações do capitalismo em sua atual forma tecnológica, impulsionada pela Inteligência Artificial, impactam diretamente a forma como o conhecimento é processado, exigindo das instituições de ensino e dos educadores uma postura mais crítica e reflexiva. Esse cenário demanda uma recriação da teoria crítica,



considerando a ambivalência da realidade, e uma perspectiva complexa do ser, do saber e do conhecer, como propõe Edgar Morin.

Assim, esta pesquisa busca compreender de que forma a educação em saúde pode responder às transformações sociais, superando a fragmentação do conhecimento e promovendo uma formação mais integrada e crítica. No campo da saúde, essas mudanças evidenciam a necessidade de superar modelos tradicionais, que já não são suficientes para compreender fenômenos complexos por meio de relações lineares de causa e efeito.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e reflexivo, desenvolvido por meio da análise de obras e artigos científicos sobre complexidade, transdisciplinaridade, educação e saúde. Foram selecionadas obras de Zygmunt Bauman, Edgar Morin e Naomar de Almeida Filho, por apresentarem perspectivas relevantes para a compreensão das mudanças da sociedade atual e dos impactos dessas transformações na formação e educação em saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, Edgar Morin afirma que: “Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais” (MORIN, 2003, p. 13). Sob esse aspecto, entende-se que a sociedade contemporânea caracteriza-se pela intensa circulação de informações e pelos avanços tecnológicos, gerando novas oportunidades, mas também polícrises ecológicas, econômicas, sociais, culturais, políticas e éticas. Assim, evidencia-se a insuficiência de um conhecimento fragmentado e reducionista para compreender a realidade. Para Morin (2003), torna-se necessário um novo paradigma do conhecimento, no qual interdisciplinaridade e transdisciplinaridade complementem a disciplinaridade, favorecendo uma visão complexa das demandas atuais.



A necessidade de integrar as diferentes dimensões da realidade também pode ser compreendida a partir de Zygmunt Bauman (1999). Para o autor, a ambivalência é uma característica constante da sociedade atual, marcada pela coexistência de situações e significados que não podem ser explicados de forma simples. Em *Globalização: as consequências humanas*, Bauman afirma: "O que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel" (BAUMAN, 1999, p. 8). Com isso, evidencia o caráter contraditório e ambivalente da globalização, que produz benefícios para alguns e limita outros ao contexto local.

Diante da transição da modernidade sólida para a modernidade líquida, a sociedade torna-se cada vez mais complexa e dinâmica, exigindo a superação de explicações reducionistas, especialmente na educação em saúde. Em consonância com essa perspectiva, Almeida Filho (2006) defende uma visão mais ampla da promoção da saúde e da compreensão dos fenômenos como processos dinâmicos e multidimensionais. Para o autor, a saúde resulta da interação entre diferentes fatores da realidade humana, tornando os conceitos de complexidade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade perspectivas mais adequadas às demandas contemporâneas. Dessa forma, o paradigma da complexidade destaca-se como importante contribuição para a produção do conhecimento, para a educação em saúde e para a formação de profissionais capazes de compreender a realidade em sua interconexão e constante transformação.

De acordo com Almeida Filho (2006), o modelo clássico baseado na ideia de causa e efeito ainda orienta a ciência da saúde, sendo capaz de explicar fenômenos simples. Todavia, saúde e doença demandam um olhar mais complexo, não podendo ser compreendidos apenas pela busca de uma única causa para cada efeito. Nesse sentido, na leitura *A Saúde e o Paradigma da Complexidade*, o autor inicia criticando a ideia de resumir a promoção da saúde ao simples fato de prevenir a doença, afirmando que: "para mim, não se pode considerar promoção da saúde como essencialmente prevenção de doenças" (ALMEIDA FILHO, 2006, p. 5). Esse pensamento reforça a inclusão de aspectos mais amplos da vida



humana, envolvendo relações sociais, bem-estar e hábitos de vida, mostrando a impossibilidade de reduzir a promoção da saúde à eliminação de fatores de risco.

Ao aplicar essa perspectiva ao campo da complexidade, o autor defende que o processo saúde-doença deve ser compreendido como parte de um sistema que integra fatores biológicos, sociais, culturais, econômicos e ambientais. Nesse sentido, Almeida Filho (2006, p. 11) afirma que “multiplicar elementos no sistema não implica torná-lo um sistema complexo”, pois “pode apenas transformá-lo em um sistema complicado”. Assim, a complexidade depende da interação entre os elementos, não sendo possível compreender um sistema complexo pela análise isolada de suas partes.

Além disso, Almeida Filho (2006) discorre acerca das limitações dos modelos tradicionais de análise de risco, observando que esses métodos tendem a representar os fenômenos de saúde de forma estática, como se a realidade permanecesse inalterada ao longo do tempo. No entanto, os processos de saúde e doença estão em constante movimento, nos quais, causa e efeito, influenciam-se mutuamente. Segundo Almeida Filho (2006, p. 17), “todos os modelos convencionais de análise de risco paralisam a realidade”. Assim, o autor critica esses modelos, pois tratam fenômenos em constante transformação como se fossem estáticos.

A partir dessa concepção, a doença deixa de ser entendida como apenas uma alteração orgânica individual e passa a ser analisada em um contexto amplo, que inclui as condições de vida, as desigualdades sociais, o acesso aos serviços de saúde e as políticas públicas. Para isso, a compreensão desses fenômenos exige a integração de diferentes áreas do conhecimento, superando os limites da fragmentação disciplinar. Assim, afirma que “a transdisciplinaridade implica a criação de um campo novo que idealmente seria capaz de desenvolver uma autonomia teórica e metodológica perante as disciplinas que o originaram” (ALMEIDA FILHO, 1998, p. 25). Dessa forma, o autor defende a transdisciplinaridade como uma forma de integração dos saberes, cujo objetivo não é eliminar as disciplinas, mas promover um diálogo que possibilite a compreensão dos fenômenos de saúde, favorecendo intervenções na realidade social.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos referenciais teóricos abordados, foi possível identificar os desafios que as transformações sociais, tecnológicas e culturais impõem à formação dos profissionais da saúde e dos educadores que atuam na educação e formação humana em saúde, na escola e na universidade. Dessa forma, fica evidente a insuficiência dos modelos tradicionais para a compreensão da complexidade dos fenômenos sociais. Em contrapartida, o paradigma da complexidade evidencia a relevância das perspectivas interdisciplinares e transdisciplinares na educação e formação em saúde, integrando e articulando diferentes áreas do conhecimento e favorecendo uma compreensão mais próxima da realidade.

Assim, torna-se fundamental fortalecer práticas educativas que valorizem o diálogo entre os saberes, a reflexão crítica e a articulação entre as áreas biológicas, sociais, culturais, econômicas e ambientais, contribuindo para a formação de profissionais com capacidades epistemológicas, éticas, estéticas e políticas, com uma visão ampla, dinâmica e complexa das demandas atuais da sociedade.

Palavras-chave: Educação. Saúde. Promoção da Saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, Naomar. A saúde e o paradigma da complexidade. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2006. (Cadernos IHU, ano 4, n. 15).

ALMEIDA FILHO, Naomar de. Sobre as relações entre complexidade e transdisciplinaridade em saúde. Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.